
Artigo Original

Estado do Conhecimento: Ensino Híbrido

Felipe Matheus Kociuba da Silveira¹ e Alfredo Cesar Antunes²

1. Graduado em Educação Física. Mestrando em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Paraná.

2. Doutor em Educação Física. Professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa e docente do Mestrado e Doutorado Interdisciplinar, em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Paraná.

ltr2felipe@gmail.com e alfredo.cesar@hotmail.com

Palavras-chave

Ensino Híbrido

Estado do Conhecimento

Produções

Resumo: O ensino híbrido surge no Brasil como uma proposta experimental de personalizar o ensino. No entanto, este processo exige adaptação por parte de professores e alunos. Deste modo o objetivo desse trabalho foi verificar a produção sobre a temática nos últimos 5 anos. Este estudo trata-se de um estado do conhecimento que teve como critério identificar artigos que foram publicados em periódicos indexados no Portal de Periódicos da CAPES, com os seguintes critérios de inclusão: estar publicado a partir de 2013, no formato de artigo e conter discussões referentes ao ensino híbrido. Foram encontrados 181 artigos, dos quais 16 haviam relação direta com o ensino híbrido com temáticas voltadas em sua maioria ao ensino superior, relacionados com diferentes estratégias pedagógicas. Os anos mais produtivos com 15 publicações foram 2016 e 2017, autores como Lilian Bacich, Jose Moran foram os mais citados junto a documentos legislativos. Quanto às áreas de concentração a educação e o ensino predominam, com a linguística e literatura aparecendo poucas vezes. A maioria dos artigos selecionados trataram o ensino híbrido através de propostas e experimentos, envolvendo tecnologias digitais enquanto elementos pedagógicos, como por exemplo o Facebook, e games.

Artigo recebido em: 20.08.2018

Aprovado para publicação em: 29.10.2018

INTRODUÇÃO

Considerado como uma mistura de potencialidades das modalidades de ensino presencial e a distância, o ensino híbrido encontra sua origem nos Estados Unidos, com raízes na educação online. Esta por sua vez, com foco em um processo de ensino e aprendizagem a distância, não dava a devida importância aos espaços de ensino nem à necessidade de supervisão dos alunos. Com boa parte dos estudantes da educação básica necessitando de suporte, o crescimento da educação online foi estagnado (HORN & STAKER, 2018)

Para retomá-lo, como também para atingir os alunos com necessidade de supervisão, a educação online passou a integrar os espaços físicos de modo a integrá-lo com o virtual. Surge então uma tendência de hibridização nos Estados Unidos, entre virtual e presencial que atinge outras áreas além da educação, sendo usado também no comércio com lojas físicas e virtuais (HORN & STAKER, 2018). A tendência avançou de modo que cresceu exponencialmente, ao atingir várias escolas do país.

Após consolidar-se nos Estados Unidos o ensino híbrido inspirou outras nações que também passaram a experimentá-lo. O Brasil é um deles, no entanto não aparece Segundo Bacich et al (2015), com as mesmas características do modelo americano. Isto porque nos Estados Unidos a cultura escolar que perpassa o ensino básico até o superior diferencia-se em muitos aspectos da brasileira, como por exemplo os econômicos, culturais e sociais.

Deste modo, esta possibilidade de ensino surge no Brasil como uma proposta experimental com o intuito de personalizar o ensino através de potencialidades, tanto da modalidade presencial como da modalidade a

distância, o que o difere do modelo mais tradicional (BACICH et al, 2015). As heterogeneidades dos alunos, com relação às suas vivências e necessidades, de modos de aprendizagem diferentes, que dificultam os modelos tradicionais de ensino, são o foco do ensino híbrido.

Por outro lado, este modelo está a menos tempo no Brasil do que outras modalidades como a presencial e a EaD. A presencial está arraigada tanto na educação básica como na superior, enquanto a EaD cresceu exponencialmente nos últimos anos depois da instituição do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) em 2006.

Mais pessoas passaram a ter acesso ao ensino superior, por outro lado a conexão de baixa velocidade da internet em várias regiões, bem como o preconceito quanto a validade da EaD limitaram os resultados. A educação básica, aparece em pauta nos cenários políticos e legislativos, através da reforma da educação que dentre outras mudanças permite que parte da carga horária no ensino médio seja realizada a distância.

É preciso destacar que as modalidades presencial e a distância apresentam aspectos positivos e negativos, que podem ser encontrados no senso comum e no meio acadêmico. A partir disso, o ensino híbrido busca integrar o que é positivo de cada modalidade, e criar metodologias ativas que permitam uma personalização do ensino.

O próximo tópico denota sobre os principais autores mais citados entre os artigos selecionados no Estado do conhecimento.

O ENSINO HÍBRIDO NA PERSPECTIVA DOS PRINCIPAIS AUTORES:

Os resultados da presente pesquisa mostraram que Lilian Bacich e Jose Moran são os autores mais citados na produção do conhecimento sobre o ensino híbrido nos últimos cinco anos. Em especial a obra “Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação”, em que Lilian é uma das organizadoras e Moran um dos autores. A obra tem o capítulo 1 Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje; escrito por Jose Moran, e o capítulo 2 Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação; escrito por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani.

Moran (2015) compreende que a hibridização trata-se de uma mistura que pode ou não estar relacionada com as metodologias ativas de ensino, tanto na educação básica como na superior. A aprendizagem pode ser ativa e híbrida, a primeira coloca a atenção no aluno, em sua capacidade criativa e em seu envolvimento no processo de ensino e aprendizagem, enquanto que a segunda enfatiza a flexibilidade, como também a mistura de tempo e espaços que compõe a primeira. (MORAN, 2017)

Para o autor as metodologias ativas são estratégias voltadas a participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, sendo que em um contexto digital aparecem por meio de modelos híbridos de ensino, com várias possibilidades de combinação (MORAN, 2017). Por mais que o ensino híbrido nem sempre aconteça por meio de metodologias ativas, Moran (2017) percebe a junção de ambos os caminhos para a aprendizagem relevante nas soluções de problemas encontrados atualmente pelos aprendizes.

As instituições educacionais que optam por este modelo podem tomar dois caminhos diferentes, um com mudanças progressivas e de menor impacto por manter uma estrutura curricular com disciplinas, e um segundo com mudanças profundas em que não existem disciplinas formais (MORAN, 2015).

O autor cita o caso da Uniamérica, instituição de Foz de Iguaçu por ter alguns cursos com a estrutura inovadora. Além de não possuir disciplinas não tem divisão de períodos, quer seja por semestres ou por ano.

Isto porque os alunos se dedicam a resolução de problemas que pertencem às suas realidades, o que aproxima o contexto de ensino com o social.

A tecnologia está presente nas novas gerações, das quais os milênions já nasceram naturalizados a este meio de disseminação de informações globalizadas. O que leva pensar o ensino apenas através do viés tradicional a ser incompatível com a realidade social atual. Portanto, refletir sobre os novos caminhos para educação deve passar por metodologias ativas e híbridas que façam uso de diversas ferramentas inovadoras de ensino, como o exemplo da Uniamérica, do projeto NAVE – Núcleo Avançado de Educação, da High Tech High dentre outras instituições e projetos (MORAN in BACICH et al, 2015.).

Neste caminho, Moran (2015), aponta para algumas necessidades das quais as instituições devem enfatizar, com atenção voltada ao aluno, e a possibilidade dele contribuir na construção do seu próprio processo de aprendizagem. Dentre elas deve-se dar:

Ênfase no projeto de vida de cada aluno, com orientação de um mentor; Ênfase em valores e competências amplas: de conhecimento e sócio emocionais; Equilíbrio entre as aprendizagens pessoal e grupal. Respeito ao ritmo e estilo de aprendizagem de cada aluno combinado com metodologias ativas grupais (desafios, projetos, jogos significativos), sem disciplinas, com integração de tempos, espaços e tecnologias digitais (MORAN in BACICH et al, 2015. p. 29).

Outra característica passa pela importância de dar significado ao aprendizado, pois além de permitir que seja mais eficaz contribui como incentivo para o interesse dos alunos a estudarem. Bem como pela antecipação “[...] durante o curso, de problemas e situações reais, os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional” (MORAN in BACICH et al, 2015, p. 34), mais uma vez aproximando o contexto do ensino com a realidade social.

No entanto, para que todos estes pensamentos sejam efetivados mudanças são necessárias na estrutura do “[...] currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas e da organização dos espaços e do tempo” (MORAN in BACICH et al, 2015, p. 34) das instituições. Quando o autor se refere a tempo e espaço, é preciso destacar a sala de aula invertida, que envolve processo de ensino e aprendizagem que acontece em tempos e espaços diversos e não só na sala de aula presencial, como no modelo tradicional.

Isto não significa extinção das aulas presenciais ou da sala de aula. Pelo contrário, no ensino híbrido é feito uso das diversas potencialidades proporcionadas tanto pela modalidade presencial como pela modalidade a distância. Neste sentido o ambiente virtual pode ser usado para informações básicas e a sala de aula para atividades que envolvam maior criatividade e necessidade de supervisão (MORAN in BACICH et al, 2015, p. 40). Nas palavras do autor:

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso, a educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também deve fazê-lo digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um (MORAN in BACICH et al, 2015, p. 39).

Com o exposto até o momento sobre o pensamento de Moran (2015) relacionado ao ensino híbrido, percebe-se um envolvimento maior dos alunos no processo de ensino e aprendizagem que se difere do modelo mais tradicional de ensino, como também se faz necessário uma adaptação do contexto escolar para que seja efetivado.

Para os autores Bacich et al (2015), os alunos estão cada vez mais conectados a diferentes tecnologias, como já dito antes, os *milênios* já nasceram em um contexto de diversas tecnologias acessíveis, o que traz a necessidade de mudanças no modo como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem. Logo, a tecnologia deve fazer parte da escola como elemento pedagógico, e não como uma inimiga, como muitas vezes acontece no ambiente escolar, por uso indevido de celulares dentro de sala de aula.

A relação entre as tecnologias digitais e a educação deve ser criativa, com o desenvolvimento da autonomia dos envolvidos, para tanto o projeto político pedagógico da escola precisa considerar por fazes sua integração, para permitir um aprendizado significativo dos estudantes no modelo híbrido. (BACICH et al, 2015)

Estas tecnologias permitem mudanças nos ambientes de ensino que, por conseguinte, modificam a relação entre professores e alunos (BACICH et al, 2015). Desta forma, o conhecimento passa a ser transmitido mais interativamente, o que permite maior participação dos estudantes na construção de sua aprendizagem.

Bacich et al (2015), apontam que aulas expositivas, comuns em modelos tradicionais, tendem a se tornar cada vez mais curtas pois não conseguem entreter os alunos por muito tempo. Isto acontece por diversos motivos, mas o principal se dá pelo distanciamento entre esta forma de ensinar e a realidade dos alunos, os quais encontram-se fortemente integrados às tecnologias digitais, o que mostra a necessidade de sua presença dentro de sala aula. Corroborando com o ensino híbrido, e com a EaD a gamificação é um exemplo do uso inteligente das tecnologias digitais como alternativa para os modelos de aula.

Outro exemplo é o próprio ensino híbrido, ao ampliar as possibilidades de ensino, pois através do mesmo não ha um modo único de aprender, sendo que exige um processo contínuo de aprendizagem de diversas maneiras e espaços (BACICH, NETO E TREVISANI, 2015). Para os autores citados acima, este modelo de ensinar envolve os dois “mundos”, quer seja aproveitando o potencial do presencial, quer seja pelo potencial do digital, virtual. E assim, não há necessidade de anular o conhecimento sobre como ensinar que já existe, mas sim conciliá-lo com as inovações que se tem pensado principalmente por meio de tecnologias digitais.

O ensino híbrido pode acontecer em quatro modelos: 1 – Rotação; 2 – Flex; 3 – À La Carte; e o 4 – Virtual Enriquecido. O primeiro referente à rotação é dividido em quatro propostas: Rotação por estações, Laboratório rotacional, Sala de aula invertida, e Rotação individual; Nele os alunos se revezam de acordo com um horário pré-determinado em atividades com a presença do professor os orientando. A primeira proposta de Rotação por estações se desenvolve a partir da formação de grupos com tarefas diferentes que se revezam para que todos os alunos passem por todas as tarefas (BACICH, NETO E TREVISANI, 2015).

Com relação a proposta de Laboratório rotacional, destaca-se outro tipo de revezamento, pois ao invés da rotação entre grupos em um mesmo ambiente, esta proposta exige as trocas entre sala de aula e laboratórios tornando a aula dinâmica, interativa e mais interessante aos alunos, os quais podem ter uma participação mais ativa. A sala de aula invertida por outro lado aproxima-se da EaD, pois os alunos estudam em casa por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem, e a sala de aula é usada para discussões relacionadas aos conhecimentos adquiridos online (BACICH, NETO E TREVISANI, 2015).

Por último, a dinâmica da Rotação individual acontece por meio de várias tarefas pré-determinadas aos alunos de modo individualizado, e se assemelha ao segundo modelo, Flex, no entanto, este último não exige uma organização definida por séries, por exemplo 5º, 6º e 7º série do ensino fundamental, que o torna pouco

comum no Brasil. O terceiro é o modelo “à la carte” que dá autonomia ao estudante para organização dos seus estudos, podendo acontecer em diferentes espaços e personalizadamente com menor atuação do professor. Como quarto se tem o modelo Virtual Enriquecido também incomum no Brasil pois exige uma comoção de toda a instituição de ensino necessitando da presença do aluno uma vez por semana na instituição (BACICH, NETO E TREVISANI, 2015). Os autores destacam que não há hierarquia, nem contradição entre os modelos o que permite que os mesmos aconteçam de forma integrada.

De modo geral percebe-se a complementação no pensamento de Moran e os autores Bacich, Neto e Trevisani (2015), o que já era esperado por se tratar da maior parte das discussões presentes em uma mesma obra. Destaca-se também a parceria entre Moran e Bacich em outros livros e artigos, demonstrando formas de pensar parecidas. A obra: “Metodologias ativas para uma educação inovadora” é um exemplo desta afirmação, pois ambos os autores são organizadores e novamente suas exposições aparecem de modo complementar, Moran ao apresentar as metodologias ativas, e Bacich ao discorrer sobre a formação continuada para metodologias ativas.

Diante do discutido, o próximo tópico tem como foco o estado do conhecimento enquanto metodologia de pesquisa usada para o desenvolvimento do presente estudo.

ESTADO DO CONHECIMENTO

O ensino híbrido exige uma transformação da realidade escolar que passa por um processo de adaptação, principalmente de alunos e professores. Ao considerar que a EaD se expandiu no Brasil por atingir diversas áreas da educação, e o fato de o ensino híbrido estar em um formato experimental que depende de transformações, é possível questionar: o que foi produzido diante deste cenário nos últimos anos sobre esta modalidade?

Para responder tal indagação foi necessário o desenvolvimento de um Estado do conhecimento. Um procedimento de pesquisa, que pode ser considerado como metodologia, e que possui segundo Marosini e Fernandes (2014. p. 155), as etapas de: “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.”

Publicado no periódico eletrônico “Educação por Escrito”, o ensaio desenvolvido por Marosini e Fernandes (2014) mostra relevantes contribuições para a compreensão do que é o Estado do conhecimento e para que serve. Pode-se encontrar em estudos os termos Estado do Conhecimento e Estado da Arte como sinônimos, no entanto o presente artigo aponta para um caminho diferente. Como é identificável na citação acima, Marosini e Fernandes (2014) tratam o Estado do conhecimento delimitado em um tempo e espaço específico, no entanto o Estado da Arte não apresenta tal delimitação.

Deste modo, para uma primeira etapa de filtragem o material produzido selecionado para este artigo deveria estar:

- a) Publicado a partir de 2013: A delimitação temporal possibilitou selecionar apenas as produções mais recentes;
- b) Publicado em periódicos indexados no Portal de periódicos da CAPES;
- c) No formato de artigo: Permitiu filtrar produções em um único formato de relatório de pesquisa.

A primeira busca no portal de periódicos da CAPES, disponível no site da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no mês de setembro de 2018, teve como palavras-chave: ensino híbrido, o que permitiu encontrar 181 artigos. Como boa parte dos mesmos não apresentavam os dois termos juntos e sim na maioria apenas o ensino, foi necessário uma etapa de seleção, em que os elementos abaixo foram analisados com atenção para a existência de discussões que tivessem relação com o ensino híbrido.

- a) Título;
- b) Resumo;
- c) Palavras-chave;
- d) Introdução (em casos de resumos com pouca informação);

Foi preciso muita atenção neste processo, pois uma interpretação equivocada dos artigos por possuírem ou não como foco de suas pesquisas o ensino híbrido poderia excluir textos com discussões relevantes para a temática. Os dados presentes nos itens mostraram que a maioria dos artigos caminharam para discussões que não cumprem com o critério estabelecido e, portanto, não foram selecionados.

Dos 181 artigos, 16 apresentaram discussões que envolveram o ensino híbrido, mesmo com alguns não contendo as palavras-chave, mas termos como modelo híbrido, educação híbrida, aprendizagem híbrida ou mesmo *blended learning*. Depois de todas as etapas de filtragem realizadas, foi colocado em prática o segundo momento que se deu a partir da leitura na íntegra do material selecionado, para identificar o contexto em que se foi estabelecido a relação com o ensino híbrido.

Ferreira (2002) que apresenta em seu artigo “Reflexões sobre o Estado da Arte”, discute a possibilidade de usar o resumo como fonte do mesmo. Para a autora o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento – sendo que não os diferencia – necessita de dois momentos distintos, mas que se complementam. O primeiro é aquele que o pesquisador:

[...] interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção. Neste caso, há um certo conforto para o pesquisador, pois ele lidará com os dados objetivos e concretos localizados nas indicações bibliográficas que remetem a pesquisa. Ele pode visualizar, nesse momento, uma narrativa da produção acadêmica que muitas vezes revela a história de implementação e amadurecimento da pós-graduação, de determinadas entidades e de alguns órgãos de fomento à pesquisa em nosso país (FERREIRA, 2002. p. 265).

Deste modo, o resumo é pertinente e suficiente para dar conta do exigido na primeira etapa. No entanto, para a segunda é necessário um conjunto de informações que muitas vezes o resumo não dá conta de proporcionar. Pois:

[...] é aquele que o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando, trabalhos em si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento. Aqui, ele deve procurar responder, além das perguntas “quando”, “onde” e “quem” produz pesquisas num determinado período e lugar, àquelas questões que se referem a “o quê” e “o como” dos trabalhos (FERREIRA, 2002. p. 265).

Devido a resumos incompletos o processo de filtragem dos 181 artigos em 16 gerou, por vezes, a necessidade de ir além ao buscar informações na introdução. Ferreira (2012) denota sobre dificuldades semelhantes de outros pesquisadores do Estado do Conhecimento, que a partir delas precisam tomar decisões importantes, pois:

[...] alguns lidam com uma certa tranquilidade no mapeamento que se propõem a fazer da produção acadêmica a partir dos resumos publicados em catálogos das instituições, ignorando todas essas limitações que o próprio objeto oferece; outros optam por uma única fonte, por exemplo os resumos encontrados na ANPED; e há ainda aqueles que, num primeiro momento, acessam as pesquisas através dos resumos e, em seguida, vão em busca dos trabalhos na íntegra (FERREIRA, 2002. p. 266).

O caso deste artigo foi semelhante a última exposição, a qual tem início pelos resumos e depois pelo trabalho completo. Primeiro para ter acesso à introdução e concluir o processo de filtragem e depois para ter acesso à leitura dos artigos selecionados como um todo e identificar as discussões e reflexões relacionadas ao ensino híbrido.

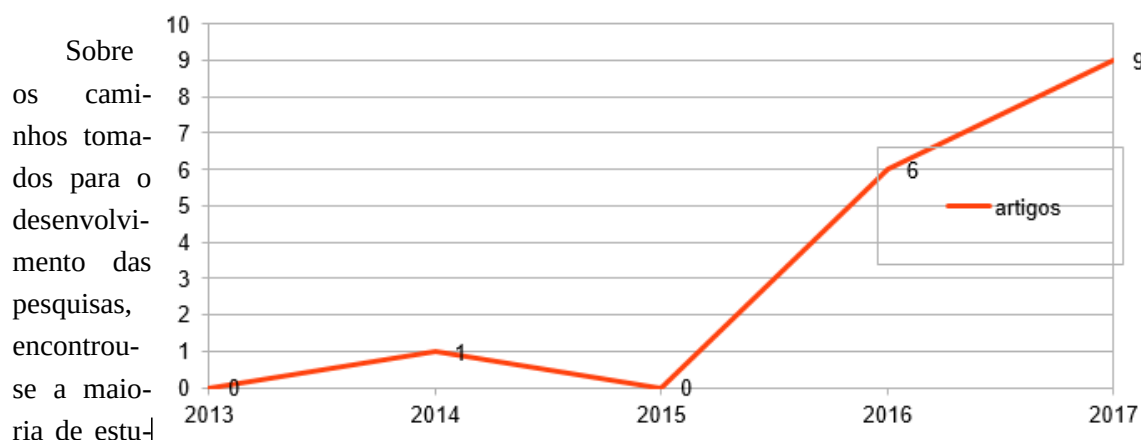
Após a exposição da metodologia usada para o desenvolvimento deste artigo, os resultados foram apresentados e discutidos no próximo tópico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Dos 181 artigos encontrados apenas 16 cumpriram com os critérios preestabelecidos. Foram publicados em diferentes periódicos, sendo dois internacionais, um na Colômbia e o outro na Espanha, enquanto os restantes encontram-se localizados nas cinco regiões brasileiras. O Sudeste com cinco periódicos, os quais contêm um artigo cada relacionados diretamente ao ensino híbrido, é a região com maior concentração, enquanto o Norte com um periódico apenas é a que contém menor concentração.

São Paulo é o Estado com maior produção, pois contém quatro dos cinco periódicos do Sudeste. Com relação à temporalidade, o levantamento mostrou que a produção relacionada ao ensino híbrido, disponível no Portal de periódicos da CAPES, teve alta considerável nos últimos dois anos. Isto porque dos 16 artigos 15 foram publicados nos anos de 2016 e 2017. O gráfico a seguir confirma esta afirmação, bem como demonstra a baixa de artigos nos anos anteriores:

Gráfico 1



dos exploratórios, com pesquisas bibliográficas, documentais, e em alguns casos intervencionistas. De modo geral, todos os artigos selecionados podem ser classificados como qualitativos devido à natureza e objetivos propostos pelos mesmos. Como base teórica para as metodologias, Gil (2008) foi o autor mais citado.

Para a fundamentação teórica os autores mais citados foram Lilian Bacich (2015) e Jose Moran (2015). Jose Valente (2015) também foi citado em mais de um artigo, no entanto, com menor reincidência, sendo na maioria para fundamentar discussões referentes a sala de aula invertida. Leis e Decretos federais sobre implicações em diferentes temas que envolvem desde a educação até o estatuto do adolescente, foram citados em mais de um artigo, contudo com pouca reincidência de uma mesma lei ou decreto.

O relevante número de vezes que Bacich (2015), Moran (2015) e Valente (2015) foram citados, pode ser explicado por uma preocupação dos autores dos artigos selecionados, em apresentar uma fundamentação teórica consistente e atual, pois os autores citados são referência no Brasil sobre o assunto, tendo por vezes desenvolvido obras em conjunto. O livro “Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação” é um bom exemplo disso pois os três possuem um capítulo cada, sendo Bacich (2015) uma das organizadoras.

O capítulo de livro escrito por Bacich et al (2015), foi citado em cinco artigos na maioria para conceituar ensino híbrido e sala de aula invertida, enquanto uma das propostas do modelo rotacional citado anteriormente. Moran foi o autor mais citado, tendo algumas obras citadas das quais ele é um dos organizadores ou escreveu um dos capítulos. O autor foi citado em diversos sentidos, sendo para conceituar o que é híbrido, como a educação se torna híbrida, a importância de dar significado a aprendizagem, novas formas de aprendizagem, uso de vídeos em sala de aula, planejamento, e aula invertida.

Sobre, as áreas de concentração das pesquisas a educação e o ensino predominam, com a linguística e literatura aparecendo poucas vezes. Para uma melhor compreensão dos artigos, foi desenvolvido um quadro onde foram dispostos os títulos e nuances dos artigos, bem como a relação que fizeram com o ensino híbrido.

O primeiro artigo não apresenta a relação com o ensino híbrido entre as modalidades a distância e presencial, e sim entre pedagogia e assistência social, no entanto como as discussões desta pesquisa também envolvem modalidades de ensino, o artigo foi selecionado para mostrar que a tendência de hibridização do ensino não envolve apenas a mistura entre a modalidade a distância e presencial, e pode abranger mais possibilidades que podem contribuir para inovações no modo de ensinar.

Com os resultados foi possível concluir que a produção de artigos que apresentam discussões quanto ao ensino híbrido teve crescimento nos últimos dois anos, e que os estudos estão em sua maioria voltados a propostas e experimentos que melhorem o processo de ensino e aprendizagem, seja na educação básica ou superior, ao passar por relações a variáveis para inovação nos AVA's, metodologias e modalidades de ensino, ferramentas tecnológicas digitais para uso didático-pedagógico como o Facebook e Games, bem como experiências através de laboratórios. A inclusão dos alunos nas aulas, e a regulamentação prevista que envolve o ensino híbrido são outros pontos a serem destacados.

As pesquisas voltadas a experimentos corroboram com a percepção dos autores Bacich et al (2015) e Moran (2015) quanto ao momento experimental do ensino híbrido na educação brasileira e contribuem teoricamente para fundamentar o desenvolvimento do mesmo em ambientes educativos.

Quadro 1. Informações referentes as relações feitas quanto ao ensino híbrido nos artigos selecionados.

Título dos Artigos	Periódico em que o artigo foi publicado	Autor(a) do artigo e ano de publicação	Nuanças dos trabalhos e relação feita com o Ensino Híbrido
A formação de educadores na educação não formal pública	Educação e Sociedade	Fuhrmann & Paulo (2014)	Os resultados do artigo, mostraram o uso de um modelo de ensino e aprendizagem híbrido entre pedagogia e assistência social. Obs: difere-se do modelo híbrido entre presencial e a distância, envolvendo outra possibilidade inovadora de ensino.
Análise do potencial da mediação tecnológica para o enriquecimento da competência teórica de professores de línguas	Acta Scientiarum. Language and Culture	Sabota & Almeida Filho (2017)	Foram analisadas dez ferramentas tecnológicas usadas em um curso híbrido de formação de professores em Línguas, com resultados positivos.
Aprendizagem da docência e desenvolvimento profissional na Educação Infantil – aproximações no contexto escolar	Educação	Cardoso & Rali (2016)	O artigo trata sobre uma intervenção realizada em uma pesquisa de doutorado, em que foram desenvolvidas experiências de aprendizagem através do modelo híbrido de ensino.
Bibliotecas escolares: tendências globais	Em Questão	Gasque & Casarin (2016)	O texto aborda as transformações do ensino que impactaram as bibliotecas escolares. O modo de aprendizagem híbrida influenciou em modelos de bibliotecas com uso maior de tecnologias e metodologias ativas .
Blended Learning: uma proposta para o ensino híbrido	Revista EaD e Tecnologias Digitais na Educação	Camilo (2016)	A pesquisa realizada no artigo discutiu as modalidades de ensino híbrido e explorou as Tecnologias da informação e comunicação envolvidas no processo pedagógico, ao apontar para os motivos de seu uso bem como para pontos positivos e negativos.
Challenge Lab – um modelo pedagógico em um laboratório multidisciplinar para as Engenharias	Revista Principia	Ortiz & Rosário (2017)	Os autores propuseram na pesquisa um laboratório pedagógico multidisciplinar para as Engenharias, com o uso de aprendizado por situação-problema e por mediação, como também em um formato de ensino híbrido.
Cognição e aprendizagem no espaço da tecnologia	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	Abrão & Del Pino (2016)	Através de um estudo de caso, o trabalho analisou a tecnologia na aquisição da linguagem e em processos educativos de alfabetização, com envolvimento híbrido entre o caderno físico comum na modalidade presencial, e de hipertexto comuns a modalidade a distância.
Desenvolvimento de um aprendizado híbrido no ensino de física em cursos de engenharia	Revista Univap	Nascimento, Pavanelo e Germano (2016)	Apresentou-se neste estudo a aplicação da “ metodologia ” aprendizado híbrido, enquanto nova estratégia para o ensino da Física.
El potencial de las aplicaciones educativas en el proceso de evaluación formativa	Revista Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias	Oliveira et al (2017)	No texto são descritas três propostas de aplicações educativas com implicações na avaliação formativa. Todas as aplicações envolvem tecnologias , mas uma delas a “classe 3D” é desenvolvida no formato de sala de aula invertida no modelo híbrido de ensino.
Games e Gamificação: uma alternativa aos	Revista Ibero Americana de Educación a Distancia	Schlemmer (2016)	Games e gamificação aparecem como foco da pesquisa de cunho intervencionista, em

modelos de EaD			que são desenvolvidos experimentos educativos em espaços Multimodal, Pervasivo e Híbrido de ensino.
Hibridização do ensino nos cursos de graduação presenciais das universidades federais: uma análise da regulamentação.	RBPAE	Silva, Maciel e Alonso (2017)	Os autores analisaram como tem se desenvolvido o ensino híbrido em instituições federais a partir da regulamentação que o envolve.
O Ensino Híbrido no Contexto das Escolas Públicas Brasileiras: Contribuições e Desafios	Revista Porto das Letras	Silva (2017)	Silva (2017), denota sobre o ensino híbrido enquanto possibilidade de inclusão em sala de aula.
Práticas pedagógicas digitais: o Facebook e a sala de aula invertida na formação dos alunos do ProfLetras	Odissea	Francisco & Oliveira (2016)	É discutido no artigo a importância da sala de aula invertida na formação de professores, considerando também a potencialidade do Facebook e de outras redes sociais como elementos pedagógicos.
Problematisando práticas de ensino e aprendizagem na plataforma moodle: aproximações com a modalidade híbrida	EntreLinguas	Costa (2016)	Foi realizado um estudo reflexivo crítico das experiências educacionais a partir da Plataforma Moodle do curso de Letras da Universidade de São Paulo. Para fundamentação, foi elaborado um estudo teórico sobre as modalidades de ensino com ênfase no ensino híbrido.
Redes sociais e aprendizagem no ensino superior: a perspectiva dos alunos sobre o uso do Facebook em uma disciplina de língua inglesa	Veredas	Rabello & Tavares (2016)	Por meio de um estudo exploratório, a pesquisa buscou investigar a percepção de alunos de língua inglesa sobre o uso do Facebook como ferramenta complementar as aulas . O ensino híbrido aparece como uma das modalidades em que o Facebook pode ser usado como uma ferramenta de interação sobre o conteúdo.
Tecnologias da informação e comunicação como inovação no ensino superior presencial: uma análise das variáveis que influenciam na sua adoção	Revista de Gestão	Caliari e Peres (2017)	O trabalho teve como objetivo identificar as variáveis que contribuem para a inovação nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) , bem como suas implicações no ensino presencial, o tornando Híbrido.

Fonte: o autor

Quanto a legislação, por mais que apareça com maior profundidade em apenas um artigo é relevante para compreensão das ações do governo por meios de políticas públicas de incentivo e normatizações a modalidades como o ensino híbrido e a EaD. O desenvolvimento e estudos da tecnologia na educação, através de experimentos como os elaborados nas pesquisas acima, contribuem para uma educação com mais possibilidades que permitem uma maior aproximação com as realidades dos alunos, como também – corroborando com Moran (2015) – para uma aprendizagem significativa e interessante para os estudantes. Em um contexto de avanços tecnológicos estas nuances do ensino híbrido permitem uma educação mais próxima da realidade atual.

Por fim, o estudo de metodologias e modalidades inovadoras de ensino permitem pensar sobre novas possibilidades para as instituições de ensino, que podem avaliar qual é mais pertinente e viável para incorporar em seus cursos ou disciplinas na educação básica e superior. Com as explanações frutos de reflexões

apresentadas no decorrer do artigo, tanto sobre o ensino híbrido como ao estado do conhecimento foi possível chegar a algumas considerações e categorias dispostas a seguir.

Quadro 2. Categorias identificadas entre os artigos selecionados para análise.

Categorias Principais	Categorias Secundárias	Exemplos Trabalhados teórica ou empiricamente seja pelos autores dos artigos ou pelas referências que usaram
Modelos de Ensino	a) Híbrido. b) A distância. c) Presencial.	a) Ensino Híbrido (presencial e a distância), Blended Learning, Aprendizado Híbrido (pedagogia e assistência social). b) Educação a distância (EaD). c) Ensino Presencial.
Tecnologia na educação	a) Ferramentas Tecnológicas. b) Metodologias ativas. c) Tecnologias da informação e comunicação.	a) Facebook, Games, Blogs, Fóruns de discussões, Portal de Palestras, Web quests dentre outros. b) Jogos, Aula invertida, Projetos Integradores, integração na sala de aula, desafios dentre outros. c) Internet, Mídias Sociais, Mídias de Rádio e Televisão dentre outros.
Experiências	a) Experiências de aprendizagem. b) Experiências educacionais.	a) O aluno como centro do processo pedagógico, participação dos estudantes na construção do processo de ensino e aprendizagem, personalização das aulas por uso de modelos como Rotação, Flex, à la carte, Virtual Enriquecido. b) Modelo Híbrido, Laboratório educacional, Inovações em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, uso de Metodologias Ativas.
Legislação	a) Regulamentação.	a) Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais.

Fonte: o autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino híbrido foi tratado como uma das possibilidades para se aproximar a educação do contexto social, e principalmente das realidades dos alunos, sendo que os mesmos se tornam o centro do processo educativo neste modelo de ensino. As tecnologias vistas muitas vezes como um problema de comportamento dos alunos por uso indevido, se tornam instrumentos pedagógicos importantes através do ensino híbrido.

A personalização do ensino é outro elemento que permite um acompanhamento voltado às maneiras de aprender do aluno, ao contrário de modelos mais tradicionais em que se desenvolve uma padronização no modo de ensinar, tendo os estudantes a necessidade se adequarem a mesma.

Quanto aos resultados do Estado do Conhecimento se percebe uma lacuna condizente a área da saúde, pois não identificou-se estudos de tal área, voltados ao ensino híbrido. Diante de um cenário político de possibilidade de coibição do credenciamento de cursos da área da saúde na modalidade a distância, através do projeto de lei 7.121, que acrescenta o § 3º ao art. 46 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para proibir a autorização e o reconhecimento dos cursos de graduação da área de saúde que sejam ministrados na modalidade a distância” (BRASIL, 1996).

Parece pertinente o desenvolvimento de estudos para compreender o impacto do projeto no ensino híbrido ao se saber da importância das potencialidades da modalidade EaD para o seu desenvolvimento. O acréscimo de artigos publicados em periódicos indexados no Portal de periódicos da Capes posterior ao mês em que foi realizada a busca tal qual setembro de 2018, poderá fomentar a realização de pesquisas futuras para uma ampliação ou comparação dos resultados apresentados no presente texto.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian. Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. In: Bacich, Lilian; Moran, José. (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 1 ed. Porto Alegre: **Penso**, 2017, v. 1, p. 129-152.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F.M. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando Mello. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, v. 1, p. 47-66.
- BRASIL. Decreto nº 5800, de 8 de junho de 2006. **Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB**, Brasília, jun de 2006.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, dez de 1996.
- FERREIRA, N.S.A. Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, n. 79, p. 257-272, Ago. 2002.
- HORN, M.B.; STARKER, H. **Blended Usando a Inovação Disruptiva para aprimorar a educação**. Penso, Porto Alegre, 2015.
- MORAN, J.M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: Lilian Bacich, José Moran. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**, v. 1, p. 1-25, 201.
- MORAN, J.M. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando Mello. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2015, v. 1, p. 47-66.
- MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades, interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez, 2014.
- SCHLEMMER, E. Games e Gamificação: uma alternativa aos modelos de EaD. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 19, n.2, p. 107-124, 2016.

